



MANUEL DANTAS SUASSUNA – Cabeças – 2002 – Técnica mista sobre tela.

Entrevista

Encantaria da linguagem

João de Jesus Paes Loureiro – UFPA

Entrevista realizada por Angela Almeida*

João de Jesus Paes Loureiro é poeta. Doutor em Sociologia da Cultura pela Sorbonne de Paris. Diretor do Instituto de Artes do Estado do Pará. Em maio deste ano esteve em Natal, onde participou do projeto “Polifônicas Idéias”, proferiu uma conferência sobre “a poesia como encantaria da linguagem”. Mostrou naquele momento, uma forma singular de refletir a cultura universal e a cultura amazônica.

Para Loureiro o local é uma ferramenta para compreender a recorrência de imagens e termos que falam da cultura humana ou seu domínio antropológico universalizante.

Entrar em contato com seus poemas e ensaios é devanear e deixar fluir a sensação de levantar a ponta de um véu e observar uma outra forma de refletir sobre o mundo. As imagens suscitadas pelo sociólogo-poeta nos arrastam pelo fluxo de um rio fluente de palavras mágicas. Navegar nesse rio sem bússola, sem porto de chegada, sem fronteiras é se deixar surpreender pela lenda da Tambatajá e pelo sentido mítico do amor a declarar: “Tambatajä me faz feliz”.

Suas obras escolhidas publicadas em quatro volumes pela editora Escritura (2000) mostram um conjunto heteróclito de ensaios, poemas, peças teatrais que se harmonizam, sem contraposição, com sua tese de doutorado acondicionada em um volume que tem por título “Cultura Amazônica - Uma poética do imaginário”.

Erudito, dotado de uma simplicidade que denota a justa medida de um sábio, Paes Loureiro, fala por imagens sem abrir mão de uma provocativa epistemologia do imaginário. Mas, não somente com palavras fala o poeta. Ele fala com as mãos, com o corpo inteiro e uma alma apaixonada.

A presente entrevista tem por referência a conferência de Natal.

Angela Almeida (A. A.): *Sua obra ressalta de imediato uma visão singular de abordar a cultura amazônica. O senhor não se aprisiona no estritamente local. Como se dá essa reflexão?*

João Paes (J. P.): Eu tenho procurado refletir de uma forma um pouco diferente do que se tem de modo geral pensado e escrito sobre a Amazônia. Eu não tenho procurado ajustar a Amazônia aos conceitos universais, tenho procurado refletir de uma forma inversa. Refletir através da cultura amazônica para compreender o mundo, ao invés de partir da acumulação de conhecimento do mundo para compreender a Amazônia. Procuro refletir sobre o mundo a partir da realidade amazônica e da sua cultura.

A.A.: *O que significa “A Poesia como Encantaria da Linguagem”?*

J. P.: A poesia como encantaria da linguagem, não é um reflexão que aplique a teoria poética à poesia na Amazônia. É uma tentativa de compreender a poesia universal através de um fato que é inerente à própria cultura amazônica que, no meu entender, é uma cultura que tem uma dominante: a poética do imaginário. Essa dominante da cultura amazônica desenha um caminho, uma espécie de direção para a minha vida como poeta e minha reflexão sobre a região. Não procuro fazer uma reflexão metodologicamente racionalizada, ordenada. Sigo o devaneio,

* Jornalista. Mestre em Ciências Sociais pela UFRN. Doutorando em Ciências Sociais – UFRN

como também, um processo metodológico para compreender uma realidade. De modo geral, do fim do século passado para cá, a racionalização do mundo veio gradualmente desprestigiando a reflexão a partir da imagem, do sentimento, do devaneio. Eu creio que se perdeu muito com isso. E acredito muito na possibilidade de compreender a realidade através da aplicação sobre essa realidade, da emoção, do devaneio e da relação de sentimento com ela, porque é próprio da relação estética. Também eu gosto de refletir através da modalidade que eu chamo de estética do vitral.

A. A: *E o que vem a ser estética do vitral?*

J. P.: É uma concepção estética que vem da Idade Média e que tem no caráter alegorizante, no caráter alegórico, uma das suas formas de reflexão. É a estética que permite ao mesmo tempo observar a realidade, vendo aquilo que ela tem de forma e ao mesmo tempo de transparente. Quando contemplamos um vitral, hora vemos no desenho, a forma do vitral, hora vemos a natureza, a luz, aquilo que está transparentemente passando através desse vitral.

Esse jogo entre reflexão e observação da forma e ao mesmo tempo observação daquilo que atravessa essa forma como luz ou como significado é também uma das modalidades que procuro seguir na contemplação reflexiva da realidade. Devo dizer que pago o tributo a essa maneira compreensiva de entender a realidade ao pensamento do meu orientador de doutoramento, o Professor Michel Maffessoli que defende uma sociologia compreensiva, na medida em que seja uma sociologia que abarca na sua maneira de compreender a realidade, não apenas a metodologia científica, mas abrange também o sentimento, o devaneio, o respeito pelo imaginário e pelas representações simbólicas.

A. A.: *A significação, o conceito, a compreensão sobre o imaginário é abordada por vários caminhos. Qual a sua escolha?*

J. P.: Há três palavras que sempre me tocam quando eu penso sobre essas questões. Uma, é a palavra imaginário, outra é relicário e a outra, clavenário. Imaginário, relicário, clavenário. Já se associam pela simbologia sonora, que relaciona como acorde musical, as três palavras. Se sairmos um pouco da musicalidade da palavra e abrirmos o nosso dicionário, veremos que imaginário diz respeito à aquilo que existe como imagem, que compreende as imagens, dizendo isso numa simplificação. O relicário, como sabemos, é o espaço onde são guardadas as relíquias. Clavenário, por sua vez é o recipiente, o estojo, onde estão guardadas as chaves. Dessa perspectiva o que vem a ser o imaginário? O imaginário acaba sendo o lugar onde estão guardadas as chaves da compreensão do ser. Isto é, uma significação impregnada de sonoridade estética ou de uma poética própria dessas três palavras. O imaginário é o relicário do clavenário da compreensão do ser, ou seja, o lugar onde estão as imagens das chaves da compreensão do ser. O imaginário é, portanto, provavelmente, (porque felizmente nada é radicalmente racionalizado) a dimensão poética do ser, na medida em que o imaginário é que atribui ao ser a sua dimensão, a do devaneio, da poesia, do sonho, da sobrenaturalidade. De certa maneira, o imaginário é a imaginação maravilhada, ou seja, aquela imaginação capaz de vê maravilhas nas coisas, de despertar maravilhas nas coisas ou de atribuir maravilhas as coisas. Mas o imaginário é indiscutivelmente, uma forma poetizante da existência e da cultura. Ele tende a provocar uma atmosfera poética ou poetizante àquilo que ele impregna, nessa viscosidade própria que ele representa, presente em todos os momentos da nossa existência.

A. A.: *Como o senhor desenha a paisagem amazônica nesse imaginário?*

J. P.: No caso da Amazônia, aquilo que está mais presente diante de nós é a paisagem. Evidentemente ela é impregnada pelo imaginário, no decorrer da existência da sua população, desde

a população indígena, a população cabocla e a população assimilada. Se lembrarmos do velho Bachelard, que fala que a verdadeira água do devaneio é a água doce e fluente (que são exatamente as águas dos nossos rios, doces e corrente), você vai vê que essa paisagem é mediadora para a explosão do imaginário na relação do homem com a natureza e dos homens entre si.

A. A.: Além dessa água ser doce e corrente, há outros elementos nesse devaneio?

J. P.: Claro. As águas dos rios são também um espelho de água. Elas têm também um olho na sua origem, um olho por toda a sua existência, uma vez que a água que nós olhamos, nos olha também. Como nós pensamos que estamos apenas a olhar as águas, nós só conseguimos olhar as águas e compreendê-las porque elas nos olham também, visto que nossa imagem nos é devolvida pelo espelho d'água. A água fluente tem toda uma integridade propiciadora dessa evanescência do espírito, dessa questão do devaneio. É muito comum na Amazônia essa viscosidade entre o real e o imaginário, motivado pelo devaneio.

A. A.: Como o habitante da Amazônia se movimenta nessa água fluente?

J. P.: O caboclo amazônico é um viajante imóvel, que não viaja no deslocar de um barco. Ele não viaja deslocando-se no espaço, ele viaja deslocando-se no tempo e na profundidade. Por isso ele cria realidades em profundidade e não sucessividade dos espaços.

A. A.: Voltando a construção da paisagem amazônica, há um elemento fundador nessa paisagem?

J. P.: A paisagem é aquela parte da natureza recortada pelos nossos sentimentos, pelo nosso olhar e pela cultura. Tanto é, que nós nos emocionamos pela paisagem, ela faz parte de uma segunda alma nossa. Na paisagem amazônica

incorporada pelo sentimento e pela cultura, nossos índios e caboclos criaram uma região no fundo dos rios e dentro da floresta, que é denominado por mim de encantaria. A encantaria é um lugar no fundo dos rios, onde os deuses e mitos habitam. A encantaria é um olímpio submerso, é um lugar da moradia dos deuses que estão repousando no fundo dos rios. Por isso eu imagino que a paisagem amazônica é amazônica porque ela é floresta, rio e encantaria. É isso que faz a diferença em relação a outras paisagens, porque natureza tem em toda parte do mundo. Então a encantaria, é o que poetisa o rio e a cultura amazônica. Quem estuda literatura sabe que chamamos a isso de maravilhoso épico. A encantaria é o maravilhoso do rio, é a impregnação no rio da mitologia, do lendário, do sobrenatural. Impressão produz uma poetização do rio, porque lhe dá uma dimensão além da dimensão concreta que as águas e as margens conferem ao rio.

A. A.: A quem você atribui esse fazer poético?

J. P.: Ao ato de viver e pensar do caboclo no seu mundo. Pensamos por vezes “isso é uma coisa ingênua do caboclo”, ou “o caboclo está mentindo quando inventa essas histórias para nos distrair e enganar”. Lembro aqui uma reflexão do poeta inglês, Coleridge, a respeito da poesia romântica e da mitologia: ele fala que nessas horas, diante desse relatos, nós não temos que discutir se está certo ou errado. Porque tanto o homem medieval, quanto o caboclo não são mentirosos. Para Coleridge, nós temos que fazer uma suspensão da descrença. Quer dizer deixar de lado a questão do certo e do errado. Você acredita naquilo como uma forma de verdade. Fazendo assim é como se nós mantivéssemos a dimensão de uma inocência na razão. Tem um trecho de um poema do Hölderlin, que diz assim: “para a criança que há no homem a noite continua sendo a costureira das estrelas”. De certa maneira, o imaginário é um pouco essa criança que há no homem para sempre.

A. A.: *Escolha e cite um trecho de um poema seu.*

J. P.: “Do Coração e suas amarras
Esconde o oceano em uma lágrima,
acumula navalhas na memória,
em óvulo reverte o nascituro,
cala os apelos da noite, silencia
todas as falas orantes por amor,
apaga-me as lembranças, retira-me
a força de meus braços, sufoca-me
os ais ! de gozo, atiram-me no abismo,
acumula calvários em meus passos,
embaralha equinócios, desregula
os astros e estações, os hemisférios,
entorna o rio-mar no vão da lua,
emudece o cantar dos encantados,
desvirtua o perdão dos tribunais,
desnatura os semáforos, conflita
o trânsito, embaralha os trilhos,
seca os lábios das preces, degenera
a via-láctea, aparta a unidade
da Santíssima Trindade, cala
o cântico dos cânticos, desliga
candelabros no céu, desvaira vídeos,
refaz a aurora à noite, desintegra
o DNA do ser, desassossega
o sono, afasta a mão amiga
e desespera Deus, arranca o sol,
acumula em meu peito as tempestades,
apaga minha sombra, me rumina
em ódio de cruentas profecias,
com sílabas de sabres castra o verso,
retém o curso ávido da vida,
sustém o aracnídeo fio da morte,
faz do Demônio meu Anjo da Guarda,
relega-me vazio no ardil da sorte,
livra meu coração de suas amarras,
desata-me da linha do destino”.